

PALCO

JUIZ DE FORA, JUNHO. 2015. ANO VII. Nº 46

ENTREVISTA VALÉRIA FARIA

Ao assumir a Pró-reitoria de Cultura em meados de abril, a artista plástica e professora Valéria Faria voltou a ocupar-se de gestão cultural, atividade que já teve a oportunidade de exercer em sua carreira na UFJF. Nessa entrevista ao *Palco*, ela fala de seu pensamento sobre a cultura, os desafios atuais e a sua própria produção artística.

Há cerca de um mês no cargo, quais as suas primeiras impressões sobre os equipamentos culturais da UFJF em termos de suas potencialidades?

As minhas impressões são as melhores. O equipamento cultural da UFJF tem um potencial incomensurável com extensas potencialidades. Desconheço outra universidade brasileira com um patrimônio tão diverso e excepcional como o nosso. Em primeira instância, temos quatro bens a

São amplas e diversificadas as missões de uma Pró-reitoria dedicada à cultura no intuito de ressaltar o pensamento da universidade como um espaço de produção, preservação e difusão cultural. Se, por um lado, a cultura na universidade tem o dever de atuar na formação intelectual que lida com conhecimentos mais complexos, também temos a cultura popular, em suas diversas formas de manifestações artísticas de igual valor. É preciso reconhecer e valorizar a cultura produzida na academia, em toda sua complexidade. Mas importa atender a riqueza da cultura popular produzida na comunidade, gerando um intercâmbio entre a diversidade destes universos. Para além dos instrumentos de elaboração e difusão cultural, também é preciso incentivar e difundir a produção de novos conhecimentos, amplian-



Valéria Faria. A estudante russa – After Anita Malfatti.



Valéria Faria. Montagem da série "Vou rastreando o tempo para salvar alguma coisa do limbo".



Valéria Faria. Objeto da série "Eu sei que vou te amar".

NESTA EDIÇÃO

MAURO FONSECA
DIÁLOGO POÉTICO

FOTOGRAFIA
O CENTRAL ATRAVÉS DAS
LENTE

JOÃO XXIII 50 ANOS
EXPERIMENTAÇÃO E
EXCELÊNCIA

cultivar. O Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), com seu acervo singular; o Cine-Theatro Central, um espaço sofisticado que completa 86 anos; o Centro Cultural Pró-Música, que desponta como um dos mais expressivos trabalhos dedicados à música e à promoção da cultura no Brasil; e, agora, prestes a ser inaugurado, o Memorial da República, com a missão de salvaguardar a memória do ex-presidente Itamar Franco. Tudo isso é muito grandioso e significativo. Mas o patrimônio artístico e cultural da UFJF vai muito mais além. Quando a UFJF completou 45 anos, organizei o livro *Patrimônio Vivo*, ressaltando os acervos reunidos pela instituição em bens materiais e imateriais. No amplo espectro desse patrimônio, temos Museu de Cultura Popular, Museu da Farmácia, Museu Dinâmico de Ciência e Tecnologia, Museu da Malacologia, entre outros. Em face desse acervo majestoso, torna-se necessário pensar em meios de incentivar e difundir as possibilidades investigativas desses aparatos. Neste sentido, o dever primeiro da Procult é dar visibilidade à diversidade e complexidade desses equipamentos e entidades. Nestas primeiras semanas à frente da Procult, encontrei pessoas com muita disposição para o trabalho. Os diretores dos espaços gerenciados pela Pró-reitoria de Cultura têm trabalhado com determinação e afinco para impulsionar a promoção e produção de suas atividades culturais. Mas há problemas de naturezas diversas que precisam ser equacionados, a exemplo dos entraves nas questões administrativas de gerência financeira. Não podemos permitir que esses obstáculos operacionais deixem a cultura engessada. É lamentável cancelar um evento, um seminário, ou outra atividade cultural por conta de demandas burocráticas.

A UFJF se consolidou como um dos principais fomentadores da cultura na cidade. Em sua opinião, qual deve ser o papel da UFJF no campo da cultura?

do o campo da pesquisa no incentivo da produção e da socialização de conhecimentos. Precisamos estimular tanto o campo da formação e produção de conhecimento quanto o campo da produção e transmissão desses saberes, considerando seus diversos graus de complexidade e abarcando a diversidade dos grupos e de seus valores em sua pluralidade de sentidos.

O momento é de dificuldades em razão da situação econômica, com cortes nos orçamentos da educação e da cultura. Como pretende contornar essa situação para manutenção de projetos?

Vejo a Universidade como um lugar de valorização da excelência artística e cultural, e é certamente mais difícil ressaltar esses valores diante de uma crise econômica. Com investimentos menores, diminuem também a continuidade dos eventos e a implantação de novos projetos. Mas não podemos nos deixar abater. No meu histórico pessoal de 20 anos de dedicação à Universidade, em todas as minhas atuações junto à gestão cultural, tive a oportunidade de trabalhar com largos e parcos recursos. O que eu tiro de experiência desses tempos variáveis entre bonança e contenção é que a Cultura precisa estar à parte dos movimentos de instabilidade orçamentária. É preciso ter ânimo, coragem e criatividade para fazer frente a uma série de desafios. E, em momentos de crise, sempre descobrimos caminhos alternativos.

Acredita ser possível conciliar as atividades de gestora com a produção artística?

Com toda certeza. Não pretendo deixar a minha produção artística em hipótese alguma, mesmo porque eu não saberia fazer isso. Uma atividade nutre a outra.

continua na página 3



Lançamento de uma das edições da Revista *Abre Alas*, Calçada da rua Halfeld, Juiz de Fora – MG.

MAURO FONSECA O LEGADO DA PALAVRA

Um dos novos talentos do jornalismo cultural juiz-forano, o jovem jornalista Mauro Morais se coloca *entre a foto e o fato* e *entre o aborto e o parto* para reunir e, finalmente, publicar as obras do escritor que fez de sua vida e morte um ato poético: seu pai, Mauro Fonseca. O lançamento da antologia de poemas do autor, no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), em 21 de maio, reuniu nomes da chamada “geração da poesia de Juiz de Fora”, das décadas de 1970 e 1980, como Júlio Polidoro e Fernando Fiorese, e contou, ainda, com a abertura da exposição *Entre a foto e o fato* na Galeria Poliedro.

Em entrevista ao *Palco*, o organizador da antologia reviu as dificuldades na trajetória da obra, desde os primeiros pensamentos sobre o livro de seu pai até os últimos dias que antecedem seu lançamento. “Foi muito difícil pra mim. Eu tinha lido algumas publicações dele nas revistas *Abre Alas* e *D’Lira*, mas nunca a obra inteira. No ano passado, quando fiz 26 anos, um ano a mais que meu pai quando se foi, me senti muito liberto. Eu senti que de, alguma forma, eu havia superado. Tanto por esse fato quanto por ter tido uma filha e conseguido permanecer. E então foi aí que eu decidi que queria falar sobre isso. Só depois de [o projeto] ter sido aprovado pela Lei Murilo Mendes de Incentivo à Cultura, para a publicação do livro, foi que decidi ler tudo”.

O processo de organização de *Entre o aborto e o parto – Uma antologia* foi muito desafiador por conta dos critérios que precisam ser seguidos ao se fazer uma antologia. “Muitos dos textos me agradavam, mas muitos estavam longe do amadurecimento. Mesmo sabendo disso, eu decidi manter tudo”.

REFERÊNCIA INTELECTUAL

Os poemas revelam muito sobre quem era Mauro Fonseca. Apesar de não ter tido a oportunidade de conhecê-lo, Mauro, o filho, conta que é possível saber muito sobre seu pai apenas pela leitura dos versos. “Os poemas de meu pai exprimiam muito sobre ele. O desejo de ir embora da vida, o pavor da ditadura, o carinho que ele tinha com a igreja, que, ao mesmo tempo, também era um descontentamento, por ser uma instituição mais política do que espiritual, e a sensibilidade aflorada. Tudo isso está presente nas obras. Mesmo sem ter vivenciado, isso atua de maneira muito forte dentro de mim. Demorou muito até eu começar a tocar no assunto”, relembra o jornalista.



Mauro Fonseca. Foto: Acervo pessoal

“Até uns 10 anos, eu acreditava que, a qualquer momento, ele poderia voltar. Foi aí que eu pedi à minha mãe para ir ao cemitério a fim de que eu pudesse confirmar”, relata Mauro. “Demorou mais quatro anos para que pudéssemos conversar novamente a respeito. Mas, desde então, é tudo muito pontual. E, agora, com o livro, eles se sentem muito mais à vontade para falar,

porque sabem que eu elaborei, na minha vida, que meu pai é minha grande referência intelectual”.

Mauro acredita que a mensagem que seu pai queria deixar é a de que ele era o dono de sua própria vida e, assim, poderia deixar de viver quando quisesse. “Talvez a morte dele fosse um grande ato poético. Ele sabia muito bem o nível de poesia que existia naquilo. Meu pai havia ido morar um ano em Rondônia, e, quando voltou, estava doente. O coração dele estava muito grande. Isso foi uma coisa que confortou um pouco a família, porque, mesmo se não tivesse tirado a própria vida, a vida teria feito isso por ele”.

Foi a partir do livro que pai e filho puderam estabelecer um diálogo. “Esses dois elementos, o do aborto e do parto [a foto de Mauro Fonseca e o sapatinho de recém-nascido que ilustram a antologia], remetem à relação que nós estabelecemos. Meu pai nunca trabalhou formalmente, portanto, não tive um legado financeiro. Tampouco gravou um vídeo. Então, a única ideia de uma possível conversa entre nós está no que ele escreveu. Minha herança é a palavra”.



EXPOSIÇÃO

Além da antologia, uma exposição com exemplares de publicações que revelaram uma nova geração de escritores e poetas juiz-foranos homenageia Mauro Fonseca e permite ao público se aproximar ainda mais desse autor que, só agora, tem sua obra reunida em livro. As revistas *Abre Alas* e *D’Lira*, a exemplo do jornal *O Pasquim*, no Rio de Janeiro, também serviram de espaço para que os escritores locais expressassem seu descontentamento com o regime.



Grafite anunciando o lançamento da Revista Cultural *D’Lira*.

A exposição conta ainda com recortes de jornal da época, fotos familiares e jornalísticas – de autoria de Humberto Nicolone, que contextualizam o movimento literário de Juiz de Fora no período –, documentos, cartas e manuscritos originais do poeta homenageado. Através das revistas, a geração daqueles jovens estudantes de jornalismo, letras e mesmo da engenharia também foi responsável por redescobrir Murilo Mendes. “Até então, Murilo era visto como o poeta que abandonou Juiz de Fora para ir morar na Europa. E foi essa a geração que o estudou para mostrar que ele era, na verdade, a grande estrela de Juiz de Fora que foi para a Europa carregando a cidade consigo”, explica Mauro. Essa contribuição dos poetas da *D’Lira* e *Abre Alas* também é abordada na exposição.

Matheus Medeiros



FOTOGRAFIA CENTRAL EM DETALHES

Despertar para detalhes através da fotografia. Assim, Lodônio Di Figueiredo apresenta o Cine-Theatro Central em imagens que revelam a beleza desse patrimônio numa exposição intitulada *Central: um sonho de todos nós*, no Saguão da Reitoria da UFJF. Para o autor da exposição, quem entra no teatro não consegue, de imediato, notar tantos detalhes da construção e da pintura ornamental assinada pelo pintor italiano Angelo Bigi. “Vivemos num momento de excesso de informação visual; nosso olhar está anestesiado. Por isso, fiz ‘recortes’ do Central através da fotografia”, destaca Lodônio.

Na tentativa de aproximar o espectador das particularidades do teatro, além de ressaltar a riqueza de detalhes da obra, o fotógrafo buscou “desconstruir” as imagens. “Como lá é um lugar muito denso, carregado com figuras e muita informação, faço intervenções nas fotos. Utilizo um programa de edição como se fosse um laboratório antigo. Trabalho a fotografia como um todo, não interiro pontualmente”, acrescenta.

No total, são 31 fotografias coloridas em dois tamanhos distintos, impressas em papel metálico. As imagens foram escolhidas com rigor e selecionadas pelo próprio autor. “Eu elenquei as melhores, e aquelas que tiveram nota dez foram escolhidas. Eu mesmo votei e fui meu próprio júri”, garante Lodônio, em meio a risos.

Inaugurado em 1929, o edifício de linhas sóbrias e retas e fachada discreta ganhou, em contraste, suntuosa ornamentação artística interna, com destaque para a decoração do amplo teto sem colunas, sustentado por uma estrutura metálica vinda da Inglaterra – técnica que impressionou o público na época. Patrimônio histórico e cultural tombado pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), o Central é considerado o principal palco de Juiz de Fora.

continuação da Capa

ENTREVISTA VALÉRIA FARIA

Você teve uma experiência de gestão cultural na universidade antes da criação da Procult, sendo diretora do antigo CEMM, atual MAMM, e tem uma longa carreira como artista plástica. O que a gestora ensina à artista e o que a artista ensina à gestora?

Atuei como coordenadora de cultura da UFJF por quatro anos, depois dirigi o antigo CEMM por três anos e, em seguida, dirigi o atual MAMM. Em 2005, fiz a transição do CEMM para o MAMM, sendo a primeira diretora do Museu de Arte Murilo Mendes, ainda que por dois meses apenas, pois ganhei uma bolsa de doutorado sanduíche em Paris e decidi partir, deixando a direção do MAMM precocemente. Esse foi um momento ímpar na minha vida. Mas deixei o MAMM com a sensação de dever cumprido por ter conseguido realizar trabalhos relevantes, muitos dos quais influenciaram a minha própria carreira artística. A minha atuação na cultura sempre perscrutou o meu trabalho visual, e o oposto também. Desenvolvo frequentemente uma relação de reciprocidade entre a gestão da cultura e o fazer artístico. Quando estava pesquisando o acervo de Pedro Nava, em 2005, para o evento comemorativo do centenário de nascimento do escritor, fui 13 vezes à Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, para estudar a sua obra. E aprendi muito. Me emocionei e me envolvi com sua obra de modo profundo e definitivo. O pensamento denso e sensível de Pedro Nava foi incorporando para sempre à minha produção na arte. O mesmo ocorreu com Murilo Mendes. Há anos que eu venho trabalhando com a poesia de Murilo Mendes, sobretudo com os valores visuais de seus textos. Tenho um grande interesse nos entrecruzamentos entre a plasticidade da palavra e da imagem como escrita.

Sua arte foca muito a questão da memória. O que a motiva nesse sentido? A preocupação com o tema tem algo a ver com essa celebração do presente em que vivemos, com a velocidade e a inconstância de tudo?

AS SESSÕES

Para a exposição, o artista fez seis sessões fotográficas de, aproximadamente, seis horas cada uma. Mesmo indo ao teatro várias vezes, Lodônio ficou surpreso com os pormenores da decoração. “Quando fui fazer intervenções nas imagens, pude notar minúcias que, na hora do clique, não havia percebido. A cada sessão, fui descobrindo elementos, cores, misturas”. O fotógrafo acredita que cada pessoa que visitar o cine-teatro vai perceber coisas diferentes, que até ele mesmo não foi capaz de notar. “O Central é um lugar mágico. A cada sessão, contemplava novas obras de arte”. Segundo Lodônio, depois dessa exposição, as pessoas que retornarem ao Central vão observar o teatro com outros olhos.

Capturar o Cine-Theatro Central por meio de imagens sempre foi um sonho do fotógrafo, que faz uma analogia entre o Central e os filmes do cineasta Akira Kurosawa, principalmente *Sonhos*, pela enorme informação sensorial. Essa comparação inspirou o nome da mostra fotográfica.

RESTAURAÇÃO

O Central passa, atualmente, por uma grande restauração de manutenção, considerada a segunda grande obra no imóvel desde 1996, quando foi realizada a histórica intervenção para recuperação do patrimônio. A reforma da fachada segue a revitalização interna da casa, que começou em agosto do ano passado e está em fase de conclusão. A previsão é que a obra seja finalizada em julho deste ano. A exposição *Central: um sonho de todos nós* pode ser conferida no Saguão da Reitoria da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Vívia Lima



Valéria Faria. Montagem da série “Ave Cristo”.

A preocupação com o tema da memória surgiu desde muito cedo no meu trabalho. Depois de atuar no campo do desenho e da pintura, mais enfaticamente, no início da minha carreira nos anos 90, passei a me interessar pela fotografia familiar, pelos álbuns particulares e também por arquivos perdidos e registros esquecidos ou abandonados. Gosto de pensar na metáfora dos objetos guardados e em seus tempos entrecruzados. Meu interesse maior está voltado para a essência e autenticidade desses objetos e em suas possibilidades investigativas no campo das artes acumulativas, dos sistemas classificatórios, dos álbuns e catálogos. O que me motiva a pesquisar o tempo vivo da memória tem a ver com a velocidade e inconstância do tempo presente, em certo sentido, de modo paradoxal. Para Pedro Nava, rastrear o tempo em seu percurso de vida e morte é o modo possível de reencontrar sua razão de ser no mundo. Busquei abordar essa questão no meu último livro *Navalha do tempo: barbearias tradicionais no centro histórico de Juiz de Fora*, em que registrei as 13 barbearias mais antigas do centro histórico da cidade, em vias de esquecimento. Procuro resgatar a memória para garantir o conhecimento da nossa própria história.



Foto: Assessoria de Comunicação do Colégio João XXIII

JOÃO XXIII 50 ANOS FORMAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO

O Colégio de Aplicação João XXIII, hoje uma Unidade Acadêmica da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), comemora, neste ano, o seu cinquentenário. Durante toda a sua trajetória, a instituição construiu um perfil próprio, alicerçado na experimentação e na busca constante pela qualidade do ensino. Aliadas a esse perfil, as relações de identificação e proximidade com os alunos respondem pelo ambiente de afetividade na comunidade escolar.

Criado em 1965 pelo professor Murílio de Avellar Hingel – ex-ministro da Educação – como uma escola de “aplicação, demonstração e experimentação”, o colégio pertencia, inicialmente, à extinta Faculdade de Filosofia e Letras de Juiz de Fora (Fafile) e objetivava atender aos licenciandos em pesquisas e realização de estágios supervisionados. Segundo Hingel, diretor da Fafile na época, a proposta estava inscrita na denominação. “Era um colégio de aplicação, para realização de estágios dos estudantes das licenciaturas, e de experimentação, para a realização de experiências pedagógicas – aplicação de novos métodos e teorias, porque a pedagogia está em constante movimentação. E um colégio de demonstração, isto é, uma espécie de colégio modelo, que possa servir de exemplo para outros estabelecimentos de ensino”, explicou.

Em 1964, a Fafile adquiriu um imóvel localizado na Avenida Rio Branco – onde, hoje, está instalada a Casa de Cultura da UFJF. O colégio começou a funcionar ali, onde permaneceu até a transferência da faculdade para o *campus* universitário. Após essa mudança, ocorreu a reforma universitária de 1969, que extinguiu a Fafile. Esta foi substituída pela Faculdade de Educação, que herdou a responsabilidade pelas matérias pedagógicas das Licenciaturas.

Por ter sido iniciado em um período ditatorial, o colégio teve que enfrentar alguns obstáculos, os quais, segundo Hingel, foram superados buscando-se a excelência do trabalho e mantendo-se o debate. “A Fafile sempre foi um centro de muita conversação e troca de ideais, pela própria natureza de seus cursos – Ciências Sociais, História, Geografia, Jornalismo –, e o colégio se inscreveu nessa característica”, esclareceu.

O COLÉGIO HOJE

A atual diretora geral, Andrea Fagundes, doutora em Educação para a Ciência pela Unesp, trabalha no João XXIII há 31 anos. Ela conta que estar à frente desse trabalho “é um desafio imenso, porque é uma escola muito requisitada, com uma demanda muito grande em relação ao ensino, à pesquisa e a extensão, e, ao mesmo tempo, muito rica – na sua diversidade, na sua forma de ingresso, no investimento na qualificação dos professores e nos projetos que desenvolvemos aqui”.

A diretora destaca a forma de ingresso por meio de sorteio, a qual, para o fundador Murílio Hingel, torna o acesso ao colégio mais democrático, pois “não há uma preocupação em se selecionar apenas os alunos mais bem dotados. Você encontra alunos de diversas regiões da cidade e de diversos níveis sociais”. Ela cita também algumas formas

de interação com a comunidade, possibilitadas através dos projetos de extensão – dança, judô, atividades circenses, entre outros. Desenvolvem, ainda, projetos de atendimento às cidades vizinhas, como consultorias.

MEMÓRIAS

Márcia Saraiva, assistente administrativa, trabalha no colégio há 35 anos. Começou na biblioteca, depois foi para o laboratório e, atualmente, trabalha na secretaria. “Essa cerimônia de homenagem aos professores e funcionários que passaram pela escola foi muito emocionante”, comentou, referindo-se à solenidade realizada no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) em abril, em comemoração aos 50 anos do “Joãozinho”, como é carinhosamente chamado por alguns. Sobre a relação com os alunos e ex-alunos, ela diz ser muito boa. “Tem até alguns professores que falam que eu sou ‘babá de luxo’, que eu estrago os alunos. Quando tem que falar, eu falo, mas não temos grandes problemas”. Sempre que os alunos precisam de alguma coisa, como um remédio, por exemplo, eles vão direto à secretaria recorrer aos cuidados de Márcia.

Professora de Francês no João XXIII, Venise Mendes relata que, na época em que foi aluna do mesmo (década de 80), havia uma grande proximidade entre alunos, professores e funcionários. Hoje, acredita que o colégio perdeu um pouco dessa convivência. “Estruturalmente, está ótimo. O número de professores também. Mas, nessa busca constante pelo avanço tecnológico e pelo crescimento, o colégio acabou deixando um pouco os alunos de lado”, declarou. Licenciada há quase quatro anos em função do doutorado, a professora diz que não vê a hora de voltar a dar aulas. Apaixonada pelos alunos, considera ter um relacionamento maravilhoso com eles. Já sonhava em ser professora na instituição desde o tempo de estudante, motivada por sua professora de francês da época, Dona Lena, a quem teve a oportunidade de reencontrar na solenidade realizada no MAMM.

Outra ex-aluna do colégio na década de 80, Graciela Marques, bacharel em Direito pela UFJF, afirma ter sido uma experiência muito especial a sua vivência na escola, que contribuiu ricamente para sua formação e o desenvolvimento da visão crítica. Para ela, o colégio era como uma segunda casa, e por isso quis que seus dois filhos também estudassem na instituição. Luiz Henrique, de 21 anos, tem um carinho muito especial pelo colégio e, hoje, cursa Arquitetura na UFJF. A filha caçula, Isabela, 15 anos, está cursando o primeiro ano do ensino médio no João XXIII.

O colégio segue em frente rumo à educação do futuro, tendo como uma de suas metas a escola em tempo integral, sempre investindo na qualificação profissional de seus professores, buscando seguir os avanços tecnológicos (através da aquisição de *tablets* para uso pedagógico e desenvolvimento de projetos, do Apoio Pedagógico *Online*, da Biblioteca Virtual, da Sala de Telemática, entre outros). Durante todo o ano, serão realizados diversos eventos em comemoração aos 50 anos do João XXIII.

Ismael Crispim

UFJF | PROCULT

Rua José Lourenço Kelmer, s/n
Campus Universitário
(32) 2102-3965
www.ufjf.br/procult

CINE-THEATRO CENTRAL

Praça João Pessoa, s/nº.
(32) 3215-1400
www.theatrocentral.ufjf.br

MAMM MUSEU DE ARTE MURILO MENDES

Rua Benjamin Constant, 790
(32) 3229-9070
www.ufjf.br/mamm
Terça a sexta: 10h às 18h
Sábados e domingos: 13h às 18h